



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

**SAMANTA ROCHA LIMA**

**LIVRO REPORTAGEM: A VESSO DO AÇÚCAR**

**CAMPINA GRANDE  
2023**

**SAMANTA ROCHA LIMA**

**LIVRO REPORTAGEM AVESSO DO AÇÚCAR**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade produto midiático, apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em Jornalismo.

**Orientador:** Prof. Dr. Rostand de Albuquerque Melo.

**CAMPINA GRANDE  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732I Lima, Samanta Rocha.  
Livro reportagem: avesso do açúcar [manuscrito] /  
Samanta Rocha Lima. - 2023.  
32 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Ciências Sociais Aplicadas, 2023.  
"Orientação : Prof. Dr. Rostand de Albuquerque Melo,  
Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA. "

1. Livro-reportagem. 2. Jornalismo literário. 3. Reportagem-  
crônica. 4. Ciclo do açúcar. 5. Narrativas. I. Título

21. ed. CDD 070.4

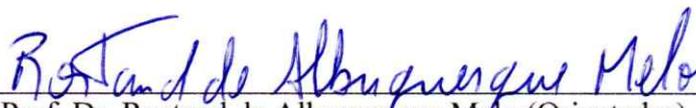
SAMANTA ROCHA LIMA

LIVRO REPORTAGEM A VESSO DO AÇÚCAR

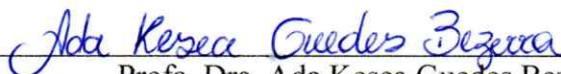
Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade produto midiático, apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em Jornalismo.

Aprovado em: 17/11/2023.

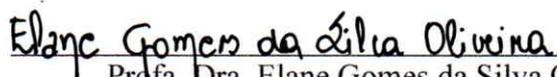
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Rostand de Albuquerque Melo (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Elane Gomes da Silva Oliveira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe e meus avós, pela dedicação,  
companheirismo e amizade, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho aos meus avós Selme e Ildefonso Rocha, que há tanto tempo viveram e conheceram o ciclo do açúcar de perto, e conseguiram romper esse ciclo amargo para construir uma vida calma na agricultura familiar, e me ensinaram tanto sobre a importância do amor na hora do cultivo da terra.

Agradeço a Iranilde, minha mãe por ter sido minha principal encorajadora, por ter segurado em minha mão e dito que tudo bem eu deixar tudo para trás e seguir meu sonho, e, por ter acreditado em mim quando me faltou crença nos momentos mais sombrios que enfrentei ao longo desses últimos anos.

As minhas tias que tanto me apoiaram e se colocaram a diminuir a estrada imensa que se estende à frente aos que saem de casa atrás de um sonho, e se dispuseram a segurar minha mão junto com minha mãe, me fazendo perceber que sem apoio é possível, mas com apoio tudo fica mais leve; Ivanise, Ivanilde, Íris e Irani e Verônica, obrigada.

Ao meu irmão por acreditar tanto que um dia eu vou ser alguém de sucesso.

Ao professor Rostand Melo, que foi o único professor que me acompanhou do início até o fim da graduação, confiou o projeto Luz Negra a mim durante dois anos, e fez com que participar de um projeto tão bonito se tornasse minha parte favorita da faculdade. Agradeço por ter aceitado me orientar neste trabalho e por aguentar meu nervosismo durante o processo de escrita das crônicas.

A professora Elane Gomes pela compreensão de me ceder o espaço de suas aulas para que eu pudesse finalizar o trabalho de campo deste material. Sem a compreensão e o carinho de Elane em me ceder alguns dias as coisas não teriam fluído.

As professoras Ada Kesea e Michelle Wadja, que atuaram de forma despretensiosa como um grande divisor de águas na minha vida. Ada no início da graduação e Michelle no final.

À Manuelle por ter me acompanhado nas entrevistas com os meninos do engenho e ter me aguentado falando por tanto tempo o quanto atuar como repórter era difícil para mim.

À João Paulo por ter me convidado a visitar o engenho e com isso mudado o curso de todo esse trabalho.

Aos meus companheiros de graduação Wallington Cruz, Malu e Nayara pelo companheirismo e amizade nesses anos inteiros. Vou sentir saudade, espero que o futuro seja gentil conosco.

As meus amigos, Victor, Bruna, Rayssa, Júlia, Rafaela, Ronald, Norma e Gabrielle, pelos momentos que ouviram meus medos e inseguranças, me aguentaram chorando, reclamando e não saíram do meu lado, tornando a passagem por esse momento tão carregado, que é o final da graduação, mais leve e divertido.

Por último, mas não menos importante, gostaria de deixar reservado esse espaço para agradecer aos artistas que estiveram comigo através das músicas, dos livros, dos filmes, das idas ao museu, ao teatro, Etc... Nos momentos em que pude respirar a arte de cada um deles, esse trabalho se tornou mais ameno, e minha vida por consequência mais leve. A vida sem arte é triste, e graças a eles, eu não sei o que é viver sem arte.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso é um livro-reportagem sobre o ciclo do açúcar na zona rural de Ferreiros, cidade da zona da mata norte de Pernambuco. É dividido em dezoito reportagens-crônicas sobre o ciclo do açúcar e os meninos do Engenho Barra, um dos poucos engenhos que ainda funcionam na região. O livro-reportagem foi produzido entre Abril de 2022 e Outubro de 2023, acompanhando as fases de safra e entressafra do ciclo do açúcar, além de trazer a história por trás do funcionamento do engenho de uma família que vive da cultura da cana de açúcar há mais de cem anos. Neste período o trabalho foi organizado em etapas de apuração, coleta de dados, escrita, edição e projeto gráfico para publicação em versão digital para *Kindle*.

**Palavras-chave:** Livro-reportagem. Jornalismo Literário. Reportagem-crônica. Ciclo do açúcar. Narrativas.

## **ABSTRACT**

This course conclusion work is a book-report on the sugar cycle in the rural area of Ferreiros, a city in the northern forest zone of Pernambuco. It is divided into eighteen chronicle reports about the sugar cycle and the boys at Engenho Barra, one of the few mills that still operate in the region. The report book was produced between April 2022 and October 2023, following the harvest and off-harvest phases of the sugar cycle, as well as bringing the story behind the operation of the mill of a family that has been living from sugar cane cultivation for more than a hundred years. During this period, the work was organized into stages of investigation, data collection, writing, editing and graphic design for publication in a digital version for Kindle.

**Keywords:** Report book. Literary Journalism. Chronicle report. Sugar cycle. Narratives.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>                                      | <b>9</b>  |
| 1.1 O formato.....   | 10        |
| 1.2 Justificativa.....   | 11        |
| <b>2 JORNALISMO LITERÁRIO: CONTEXTUALIZAÇÃO.....</b>           | <b>13</b> |
| 2.1 Narrativa.....   | 17        |
| 2.2 Fontes.....  | 18        |
| 2.33 Entrevistas.....  | 18        |
| <b>3 PROCESSO DE PRODUÇÃO .....</b>                            | <b>19</b> |
| 3.1 Texto: escrita e edição .....                              | 23        |
| 3.2 Fotografia.....  | 23        |
| 3.3 Finalização: diagramação para <i>Kindle</i> .....          | 25        |
| <b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: DIFICULDADES E APRENDIZADO.....</b> | <b>27</b> |
| <b>5 REFERÊNCIAS.....</b>                                      | <b>28</b> |
| <b>6 ANEXOS.....</b>   | <b>31</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

Em Pernambuco, a região onde a cana de açúcar é cultivada é conhecida como zona canavieira há cinco séculos. Embora o primeiro engenho que se tem registro em solo brasileiro seja datado no ano de 1516, foi de fato na década de 30 que engenhos foram implementados na província com o caráter de produção açucareira<sup>1</sup>. Os engenhos no estado se formaram a partir da distribuição das sesmarias por meio de Duarte Coelho, para os colonos que tinham condições financeiras para montar engenhos. No início, esses engenhos eram movidos à tração humana como as casas de farinha, mas com o passar do tempo a tração humana foi substituída pela tração animal e água, que mais tarde no século dezoito, deu lugar aos engenhos movidos à vapor.

O açúcar é um alimento de presença indispensável na casa da maioria dos brasileiros, ele está em quase tudo que consumimos. Mas de onde vem esse cristal tão doce e tão utilizado na culinária brasileira e mundial? O açúcar é proveniente da cana de açúcar, e o Brasil é o maior produtor de açúcar do mundo, tendo sido responsável pela produção de 654,5 milhões de toneladas, que foram destinadas à produção de 41, 2 milhões de toneladas de açúcar e 29,7 bilhões de litros de etanol<sup>2</sup>. Através da cana-de-açúcar podem-se obter diversos produtos, o mais comum na atualidade é o etanol que é utilizado como combustível limpo. Além do etanol pode-se destacar o açúcar, a cachaça, o melado e a rapadura, produto este de origem artesanal, considerado um alimento. (SEBRAE 2005).

As transformações do setor açucareiro tiveram repercussões sobre toda a estrutura da cadeia produtiva de derivados da cana-de-açúcar. A partir do momento em que se iniciou a implantação dos engenhos centrais e das usinas. A revalorização e diversificação dos produtos artesanais processamento da cachaça, rapadura e do melado se desvencilhou da produção do açúcar, não acompanhou a dinâmica da inovação do setor açucareiro e permaneceu estruturado em torno das práticas tradicionais (COUTINHO, 2001).

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/economia-acucareira.htm>>. Acesso em outubro de 2023.

<sup>2</sup> **COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO - CONAB. Série Histórica das Safras.** Brasília: 2021. Disponível em: <<https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/serie-historica-das-safras>>. Acesso em: 19 maio 2021.

O mel de engenho ou melado, é um xarope denso, obtido através da extração do caldo de cana por meio da forma de evaporação antes do processo de cristalização do açúcar. A purificação do mel é obtida através da retirada constante da espuma no momento do cozimento, pois é onde se acumulam as impurezas. O mel de engenho é produzido de forma artesanal e é um alimento muito consumido no Nordeste.

Tudo faz crer que o mel de engenho nunca tenha tido vez na mesa dos aristocratas do açúcar. Na hierarquia dos produtos da cana, o mel de engenho, com o seu cheiro gostoso invadindo a casa grande e dominando os canaviais, com ares de plebeu, sempre foi considerado parente pobre do açúcar, igualzinho ao caldo de cana, ao açúcar bruto e à rapadura. (SOUTO MAIOR, 1973, p. 1).

O funcionamento do engenho e fabricação do mel pelos meninos do Engenho Barra entre os meses de outubro a janeiro, na zona rural da cidade de Ferreiros, é um reflexo dos tempos em que ainda quando colônia, Portugal decidiu fazer do Brasil, com suas terras férteis, um grande exportador de açúcar para a Europa. Poucos engenhos sobraram na zona da mata norte pernambucana depois do domínio das usinas centrais; o Engenho Barra, sendo um desses, carrega no nome o legado de mais de cem anos de história com a cultura da cana de açúcar, e mais de quarenta anos na fabricação do mel de engenho. A cultura da cana de açúcar moldou a vida dos meninos do engenho, que apesar de fabricarem atualmente um alimento tão doce, lidam com o amargo da vida que o cultivo da cana de açúcar oferece aos desafortunados. O produto midiático que apresentamos a seguir narra a rotina do engenho.

### **1.1. O formato**

Este trabalho de conclusão de curso é um livro-reportagem no formato *e-book*, dividido em 18 capítulos com reportagens-crônicas sobre o ciclo do açúcar que envolve a história da família dos meninos do Engenho Barra, de sobrenome Dias. A família vive do ciclo do açúcar há mais de cem anos na zona rural de Ferreiros, cidade da zona da mata norte de Pernambuco

O primeiro capítulo intitulado *Monomotor*, situa o leitor da estranheza da repórter ao fato de estar introduzida no ciclo do açúcar, onde a mesma faz uma reflexão este ciclo nas histórias de família e contextualiza o leitor com o presente, apresentando-o ao trabalho da usina sucroalcooleira Olho D'água. Os textos foram construídos predominantemente em terceira pessoa (quinze textos), mas também há textos em primeira pessoa (três textos).

## 1.2. JUSTIFICATIVA

No curso de Jornalismo aprendemos como transmitir a informação de forma objetiva, clara, simples e imparcial, para que chegue a grande massa com o texto baseado em responder as seis perguntas do *lead*: O que? Quem? Quando? Onde? Como? Porque? (LAGE, 2000). Essas notícias, em sua grande maioria, fazem parte do chamado jornalismo *hard news*, buscando transmitir a informação com objetividade, imparcialidade ou riqueza de detalhes, deixando de lado, no entanto, de se aprofundar na narrativa. Como aponta Carlos Alberto Vicchiatti (2005), desejamos evidenciar como frequentemente é mecânico o trabalho do jornalista. Queremos mostrar que, se o jornalista obedece atualmente a esse mecanismo, isso se deve à formação que recebe nas escolas de Jornalismo e a influência dos padrões de mercado nesse processo de formação profissional. Perceber que a universidade nos forma para realizar um trabalho mecanizado e apressado me incomodou; mesmo sabendo que essa pressa no passar da notícia, da informação é o que o mercado quer, e do que o mercado precisa. Paulo Roberto Leandro no Posfácio do livro *A arte de tecer o presente* de Cremilda Medina (2003), faz uma reflexão sobre como o jornalismo atual se encontra acomodado a soluções fáceis:

O jornalismo requer atenção constante, vigilância insone. Porque apela para soluções fáceis, massageia o ego e se justifica com explicações simplórias de luta por leitores ou conquista de audiência. Numa lufa-lufa que se renova a cada edição ou fechamento - na gíria de redação -, estimula o clichê, carimba desempenhos e ignora, com frequência, a matéria prima da vida. (LEANDRO, 2003. p. 147)

Com esse pensamento latente nos meus dias de graduação, percebi a falta de afinidade com o modo comum, por assim dizer, de fazer o Jornalismo. E consegui, ao longo do curso, me encontrar e descobrir mais afinidade com o texto narrativo, do que com as *hard news* de fato; pela riqueza de detalhes e a maior liberdade textual.

Meu primeiro contato com a narrativa aprofundada do jornalismo humanizado, se deu em dois momentos ainda no primeiro ano do curso de Jornalismo, quando em uma leitura de *Tornar-se Palestina* da chilena Lina Meruane e *Holocausto Brasileiro* da brasileira Daniela Arbex, pude para além de obter detalhes dos horrores acontecidos no hospital de Barbacena e dos horrores cometidos por Israel ao povo palestino, entender e conhecer outras formas e fazer o Jornalismo. Tais leituras me deixaram envolvida e interessada no jornalismo humanizado, e senti que ali, naquele modo de fazer jornalismo, existia um espaço para mim. No modo onde a matéria-prima da vida não é negligenciada, e a informação não corre com pressa, porque é feita

a partir da arte, e, focada nas descrições, características, e nas vidas de pessoas que sofrem as consequências do que conhecemos por notícia.

Existem diversas histórias e versões de matérias e reportagens que podem contar os acontecimentos que os livros abordam, mas foram as histórias de vida das pessoas por trás do acontecimento que me motivaram a escolher escrever um livro reportagem como trabalho de conclusão de curso. Daniela Arbex, em uma entrevista, falou sobre como o jornalismo literário e humanizado foi capaz de fazer a diferença e tornar a informação atemporal, cuja relevância do trabalho vai vencer os tempos.

O jornalismo humanizado produz narrativa em que o ser humano é o ponto de partida e de chegada, o que supõe que esse fazer começa antes da pauta, na consciência de ser jornalista. No trabalho de apuração, busca versões verdadeiras e não, necessariamente produz a verdade, pois o repórter não se relaciona com um objeto de conhecimento, mas com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo (IJUIM, 2011, p. 17).

Pensando nisso, busquei um tema que se tornou uma grande inquietação para mim no início do ano de 2022, e inspirada pelo livro *Tornar-se Palestina* de Lina Meruane, onde ela se encontra com o olhar estrangeiro para construir e contar a história de um passado, que além de ser tão conhecido e parte da história mundial, é também parte da história dela, decidi escrever *Avesso do Açúcar*. No livro, Meruane volta os olhos para o passado e decide retornar para o local do qual sempre ouviu falar nos relatos do avô, mas que nunca tinha estado antes. *Tornar-se Palestina* são as crônicas de viagem de Meruane para Israel, onde ela vai em busca de se reapropriar das origens de sua família em áreas ocupadas. Apesar da nostalgia descrita de maneira sucinta, a autora traça um pensar dos acontecimentos presentes, a partir do paradoxo de Israel: que parte de uma comunidade a quem foi negada, por séculos, a propriedade e o pertencimento a um lugar seguro, agora submeta o povo palestino ao mesmo mal de que foram vítimas.

Alan nos indica que lá, no bunker que coroa o assentamento de Tel Rumeida, mora o colono mais radical, que traz no carro um adesivo incentivando o ódio e incitando a violência: “Eu matei um árabe, e você?” ... Nos territórios ocupados, diz Anne essa língua estrangeira, é a única coisa que todos, nós e eles, temos em comum. Paramos diante de uma e eu leio, perplexa como todos a frase escrita pelos sobreviventes-do-holocausto ou por seus filhos ou netos: “Árabes para a câmara de gás”. (MERUANE, 2019, p 94)

Mesmo que estejamos todos os dias de frente para o açúcar, em tantos formatos em nosso cotidiano, e mesmo sabendo da história secular da cana-de-açúcar no país, deixamos

escapar a histórias que vem junto com o açúcar que consumimos ou com o etanol com o qual abastecemos o carro. Essas histórias estão intrínsecas à produção do açúcar, do etanol, do álcool, da rapadura, da cachaça e do mel de engenho. Minha intenção com as crônicas do livro reportagem, foi de fato voltar os olhos para o passado a fim de entender de maneira mais fundamentada, o que tornou Pernambuco uma potência da produção da cana-de-açúcar, e como essa produção tão gigante, que existe desde o Brasil Colônia, foi capaz de moldar três gerações da minha família, onde até mesmo os que romperam o ciclo do açúcar, ainda vivem cercados por ele.

O livro-reportagem: *Averso do Açúcar*, inspirado na obra *Tornar-se Palestina* da escritora chilena Lina Meruane, traz reportagens-crônicas, em que a jornalista, repórter em primeira instância, toma para si o olhar estrangeiro e se coloca em uma posição observadora e reflexiva sobre o ciclo do açúcar que envolve a história de três gerações de uma família que vive e sobrevive do ciclo do açúcar há mais de cem anos na zona rural de Ferreiros, cidade da zona da mata norte de Pernambuco.

Eu sempre tive, mesmo que indiretamente, inserida no ciclo do açúcar, mas durante todos os anos em que morei em Recife, meu contato com o ciclo do açúcar sempre foi através das visitas feitas aos meus avós nos finais de semanas e feriados. Esse livro reportagem, para além de contar a história de como o ciclo do açúcar se desenrola em Ferreiros, foi para mim uma descoberta pessoal, um resgate de minha própria história e identidade, que há muito havia se perdido nos canaviais imensos que se estendem por toda zona rural de Ferreiros. Foi de fato preciso que eu estivesse imersa, morando em uma casa que serviu como depósito de açúcar para o engenho de meu bisavô, e com o ciclo do açúcar acontecendo diante de meus olhos, para que a necessidade de resgatar e entender o passado se tornassem pertinentes. Portanto, dado a meu vínculo pessoal com a temática abordada, se fez necessário que esse relatório fosse narrado em sua grande maioria em primeira pessoa. Uma vez que com esse trabalho pude olhar de dentro para fora, a fim de construir as crônicas narradas em *Averso do açúcar*.

## **2. JORNALISMO LITERÁRIO: CONTEXTUALIZAÇÃO**

O jornalismo literário ou *new journalism* nasceu nos Estados Unidos na década de 1960, época em que o mundo era apresentado à rebeldia e revolução dos jovens de países ocidentais desenvolvidos. Na década de 1960, filmes como “Amor, Sublime Amor” e “A Noviça Rebelde”, tomavam conta da cabeça dos jovens, bem como as canções dos Beatles, Bob Dylan e Rolling Stones. No entanto, na área da comunicação, uma revolução um pouco mais silenciosa também acontecia, o advento do jornalismo literário:

Retrospectivamente, o advento do *New Journalism* revela uma admirável consonância com o espírito transgressor da década de 1960. De fato, é compreensível e ao mesmo tempo revelador situar seu desabrochar no início de um período de profunda transgressão de valores, quando já se ouviam os primeiros hits - dos Beatles, dos Rolling Stones, de Bob Dylan - que embalariam um período fascinantemente movimentado, marcado por profundas transgressões comportamentais (BULHÕES, 2007, p. 146).

O *News Journalism*, como ficou conhecido o Jornalismo Literário no país em que nasceu, os Estados Unidos, se caracterizou como um “novo formato” do fazer jornalístico, pois toma para si um estilo na textualidade jornalística que está apoiada na expressão literária e de carácter narrativo. Em 1965, o romancista Truman Capote publicou *A Sangue Frio*, categorizado pela mídia estadunidense como romance reportagem, que conta a história da morte de toda família Clutter, em Holcomb, Kansas, e dos autores da chacina. O livro logo se tornou *best-seller*, e levou Capote a ocupar os grandes espaços na mídia, além de abrir espaço para uma disputada adaptação cinematográfica.

Essa relação entre o jornalismo e a literatura foi marcada por grandes escritores-jornalistas, e muito embora o *new journalism* tenha tido seu início datado na década de 1960 nos Estados Unidos, no Brasil, Euclides da Cunha já apresentava à sociedade seis décadas antes, o livro *Os Sertões*, que mais tarde ficaria conhecido como primeiro livro-reportagem brasileiro. Ernest Hemingway, Graciliano Ramos, Honoré de Balzac, Jack London, Hunter Thompson, Gay Talese, Jorge Luís Borges são alguns dos tantos nomes que embasaram junto ao pioneirismo de Euclides da Cunha, o que hoje conhecemos por Jornalismo Literário.

O jornalismo Literário, foi um grande divisor de águas, um impacto fulminante no que diz respeito a textualidade jornalística, tornando-se indispensável para quem quer conhecer os processos e realizar um livro-reportagem. É o que discute Marcelo Bulhões em *Jornalismo e literatura em convergência* (2007):

Todavia, o que pode haver de movimento no que ele representou é tomar a palavra como sinônimo de agitação, animação e abalo, pois o *New Journalism* agitou o epicentro do jornalismo mundial e abalou estruturas fossilizadas da textualidade jornalística. Como um autêntico filme-catástrofe americano, seu impacto fulminante lançou influência em vários países, aclimatando-se depois a realidades nacionais e contextos peculiares, como no caso do Brasil. Baixada a poeira do tempo, transformou-se em parada bibliográfica obrigatória a quem deseja seguir o caminho que desemboca no que se passou a conhecer com o nome de livro-reportagem. (BULHÕES, MARCELO, 2007, p.145)

No Brasil, apesar do pioneirismo de Euclides da Cunha, a influência do Jornalismo Literário se deu na década de 1960 em textos publicados na Revista *Realidade* (1966 a 1976) da Editora Abril e na década de 1970 no *Jornal da Tarde* (1966 a 2012), publicação do mesmo grupo do Jornal *O Estado de S. Paulo*. É importante entender que essa movimentação tardia no Brasil acerca do Jornalismo Literário tem ligação direta com o Paradigma da Modernização<sup>3</sup>, estudado no meio acadêmico de 1945-1965, que fala sobre a transferência de cultura e tecnologia das sociedades modernas para as menos desenvolvidas. Através desse paradigma podemos entender que o objetivo dessa transferência era colocar as sociedades desenvolvidas como modelos a serem seguidos pelas sociedades tidas como tradicionais.

A partir do momento em que os Estados Unidos como sociedade moderna conseguiu realizar a transferência de cultura e tecnologia se colocando como pioneiro e revolucionário dentro do campo do jornalismo literário, no Brasil o jornalismo literário se estimulou em ir ao encontro da possibilidade de se distanciar dos textos passadiços e instáveis que habitavam as páginas dos “falecidos” jornais impressos.

Dentre a década de 1980 e 1990 foram publicados livros como *Batismo de Sangue* (1982), onde o autor Frei Betto escreve em caráter de denúncia um dossiê jornalístico-literário sobre a repressão política, tomaram espaço na mídia. Também se destacaram na década de 1990 produções do jornalismo investigativo e jornalismo-biográfico. Ao exemplo de *A rota 66* (1992) de Caco Barcelos, resultado de uma investigação meticulosa e audaciosa, onde o autor desmonta a intrincada rede que forma o “esquadrão da morte oficial” montado em São Paulo. O jornalista faz uso de uma narrativa bem articulada e busca deixar o leitor desconfortável e indignado com a situação apresentada nas páginas do livro.

José Mendes de Oliveira não foi o único inocente morto pelo soldado Rony Jorge. Um ano antes, em fevereiro de 74, o soldado matou outras duas pessoas,

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.infoamerica.org/selecciones/articulo2.htm>>. Acesso em: outubro de 2023

ambas menores, que não eram criminosas. Jorge Ribeiro, de 16 anos, e Augustinho Nilton Candeias, de 17, foram mortos durante a perseguição a um carro supostamente roubado. Os matadores levaram os corpos para o hospital como se eles fossem dois homens desconhecidos, que não portavam nenhum documento. (BARCELLOS, 1992 p.154.)

No cenário do jornalismo literário brasileiro, Daniela Arbex é um dos principais nomes da atualidade. Formada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 1995, iniciou a carreira no jornal *Tribuna de Minas*, do qual foi repórter especial por mais de duas décadas. Mas antes disso descobriu, como ela diz, “o poder da palavra”. Sua primeira obra literária, *Holocausto Brasileiro* (2013), possuía, até o ano de 2021, mais de 300 mil exemplares vendidos. O best-seller foi considerado o melhor livro-reportagem do ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte (2013) e segundo melhor livro-reportagem no prêmio Jabuti (2014). O texto também inspirou produções audiovisuais, como o documentário da HBO que recebeu o mesmo título e a série *Colônia*, da Globoplay. A seguir, um trecho da obra:

A falta de critério médico para as internações era rotina no lugar onde se padronizava tudo, inclusive os diagnósticos [...] a estimativa é de que 70% dos atendidos não sofressem de doença mental. Apenas eram diferentes ou ameaçavam a ordem pública. Por isso, o *Colônia* tornou-se o destino de desafetos, homossexuais, militantes políticos, mães solteiras, alcoólatras, mendigos, negros, pobres, pessoas sem documentos e todos os tipos indesejados, inclusive os chamados insanos. (ARBEX, 2013 P.25-26).

Com liberdade textual, riqueza de detalhes, vigor na descrição e por consequência a proximidade com o duradouro, o livro-reportagem abre espaço para que o jornalista possa apurar os fatos, realizar uma entrevista em que o diálogo é mais fluido, humanizado, podendo assim ter uma maior proximidade com o entrevistado e construir os textos a partir do gênero jornalístico crônicas, trazendo assim o leitor para dentro da reportagem ali narrada. Segundo Melo (2003b), a crônica predomina no Brasil como sendo um relato poético da realidade, situado na fronteira entre a informação e a narração literária, o que não ocorreria em outros países, onde a crônica estaria mais vinculada ao relato cronológico de narração histórica. Para Melo, atualmente a crônica se configura como gênero eminentemente jornalístico e possui duas características fundamentais:

1) Fidelidade ao cotidiano, pela vinculação temática e analítica que mantém em relação ao que está ocorrendo, aqui e agora; pela captação dos estados emergentes da psicologia coletiva. 2) Crítica social, que corresponde a ‘entrar

fundo no significado dos atos e sentimentos do homem'. Diz Antônio Candido que essa tarefa o cronista realiza de modo dissimulado, pois ele mantém o 'ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência'. Esse é um traço essencial da crônica moderna, que assume o ar de 'conversa fiada', de apreciação irônica dos acontecimentos... (MELO, 2003, p. 156).

## 2.1. Narrativa

Entende-se por narrativa o discurso capaz de rememorar o material, o real e o espiritual situado em determinado espaço. Fatos atribuídos por exemplo à Quaderma, personagem que habita o universo do *Romance d'A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna. Ao longo da narrativa de Quaderma há epopeia, poesia, romance de cavalaria e mais outras formas que implicam "lembrança, tradição e vivência na integração do popular no erudito." Como definiu a escritora cearense Rachel de Queiroz (1971). Contos, poemas e romances nos apresentam diferentes perspectivas da narrativa textual. A narrativa, no entanto, não é um privilégio somente da ficção. Cremilda Medina em seu livro *A arte de tecer o Presente* defende que a narrativa é uma resposta humana diante do caos:

Um dado incontestável que registro na trajetória das últimas décadas: a arte de narrar adicionou sentidos mais sutis à arte de tecer o presente. Uma definição simples é aquela que entende a narrativa como uma resposta humana diante do caos. (MEDINA, 2003, p.47)

A narrativa humana, descritiva e sensível em livros-reportagens representa como um todo a fala de Cremilda Medina. O jornalista-escritor atua como um artista das palavras ao tecer a teia do jornalismo através da literatura. Adorno aponta que a arte vibra entre a seriedade e a alegria.

Mas a arte, como forma de conhecimento, recebe todo seu material e suas formas da realidade – em especial da sociedade – para transformá-la, e acaba embarçando-se em contradições inconciliáveis. Sua profundidade mede-se pelo fato de poder ou não, pela reconciliação que suas leis formais trazem às contradições, destacar a real irreconciliação. Vibra a contradição em suas mais remotas mediações como nos mais extremos pianíssimos da música estrondam os horrores da realidade. [...] É, com esse critério, que se deve ver a seriedade de toda a obra de arte. Como algo que escapa da realidade e, no entanto, nela está imersa, a arte vibra entre a seriedade e a alegria. É esta tensão que constitui a arte. (ADORNO, 2001, p. 11-18).

O jornalista escritor consegue flutuar entre o mais bonito e o mais feio, ao se colocar como artista das palavras. Na mão do jornalista, por meio da reportagem-crônica o leitor poderá

encontrar feiura no belo, beleza no feio e indignação no horror, uma vez que o jornalista-escritor se detém de situações mais fortuitas, flagras do cotidiano, conduzindo assim a narrativa onde ele se coloca em posição observadora ou reflexiva; de caráter ambiental e circunstancial, fazendo assim o uso do arte de uma forma caótica para a construção da realidade. “*A tarefa atual da arte é introduzir o caos na ordem*” (ADORNO, 1992, p. 195) e dentro do jornalismo, não há pessoa melhor para fazer isso do que o jornalista-escritor-artista.

## 2.2. Fontes

Nilson Lage (2001) explica que há cerca de sete tipos de fontes jornalísticas: oficiais, oficiosas, independentes, primárias, secundárias, testemunhais e experts. Fontes oficiais são as fontes mantidas pelo Estados, pelas Associações e fundações. Já as fontes primárias são as pessoas que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria.

No livro reportagem *Avesso do Açúcar* as fontes utilizadas foram as primárias, oficiais, oficiosas e independentes. As fontes oficiosas são as que têm ligação reconhecida com instituições, organizações ou empresas, mas expressa interesses particulares. Já as independentes não têm relação de poder nem interesse específico, como as fontes oficiais e oficiosas.

### 2.33 Entrevista

Durante as entrevistas não houve um pré-roteiro nem um roteiro para ser seguido durante a apuração, pois como afirmou Villas Boas (2002) pesquisadores de praticamente todos os campos das Ciências Humanas trabalham a oralidade via entrevista aberta, interativa, enriquecida de observação e diálogos.

Contudo, durante o desdobramento da entrevista seguiram a partir de alguns questionamentos: 1) Economia; 2) Tempo de trabalho; 3) Meio ambiente; 4) Memórias; 5) cultivo da cana-de-açúcar; 6) fases da safra e entressafra; 7) Educação; e 8) Funcionamento do Engenho. Nas palavras de Edgar Morin, na obra de Cremilda Medina (2002), a entrevista pode se tornar um diálogo, uma colaboração entre o entrevistado e o repórter.

Em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo. Este diálogo é mais que uma conversação mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o

entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema. (MEDINA apud MORIN, 2002, p.15)

As entrevistas para *Avesso do Açúcar* foram realizadas de forma orgânica, seguindo o ponto em que o autor destaca o diálogo como uma conversa mundana. Uma busca pelo comum. As entrevistas com as fontes primárias aconteceram no local de trabalho dos personagens, o campo de cana-de-açúcar e o Engenho Barra. Utilizei gravador em todas elas. Não houve um tempo específico de duração para as entrevistas, visto que no dia em que elas aconteceram de forma presencial, eu estive imersa na realidade diária dos personagens de destaque nas reportagens-crônicas, podendo dessa maneira, além de me colocar em uma posição observadora, construir uma entrevista mais dialógica.

O processo de entrevistas no local durou de outubro de 2022 a janeiro de 2023. Durante a construção das crônicas mantive contato com os entrevistados e pude realizar mais algumas entrevistas online no mês de setembro de 2023.

De início houve muita estranheza e timidez com as perguntas, que foram respondidas de forma vaga e nervosa, o que dificultou meu trabalho no início, como solução decidi usar a carta do parentesco para trazer a proximidade à tona. Assim consegui me tornar mais próxima das fontes e o diálogo passou a acontecer de forma natural. Na fase de apuração mantive uma espécie diário em um aplicativo no celular, o *Writer* onde anotei aspectos importantes para compreender melhor a personalidade de cada um de meus entrevistados, a fim de construir uma narrativa que pudesse passar ao leitor não só informações acerca do ciclo do açúcar, mas também retratar a vida de uma forma real, dessas pessoas que estão envolvidas diretamente nesse ciclo.

### **3. PROCESSO DE PRODUÇÃO**

A trajetória do livro-reportagem *Avesso do Açúcar*, começa em janeiro de 2022, quando tive a oportunidade de presenciar os meses finais da safra de 2021/2022 da cana-de-açúcar na zona rural de Ferreiros, cidade da mata norte de Pernambuco. Inicialmente o que despertou meu interesse foi a atividade executada pelos trabalhadores da cana de açúcar da região, e a pesquisa

foi iniciada desta maneira; com o objetivo de retratar a vida daqueles que estão por trás do primeiro passo para a fabricação do açúcar: o corte de cana.

Ao final da safra de 2021/2022, entrei em contato com a usina Olho D'água, que é a usina que faz com que o ciclo do açúcar aconteça na cidade de Ferreiros. O primeiro contato foi em abril de 2022, com um rapaz de nome Roberto, que apesar da gentileza me informou que para conseguir uma visita na usina e nos campos de cana-de-açúcar, eu precisaria de uma documentação da universidade explicando a necessidade da visita, e em seguida, a autorização dos diretores da usina.

Em menos de uma semana, solicitei junto a universidade, que me enviou a documentação, a qual encaminhei para o e-mail da usina que Roberto tinha me passado. Junho. Julho. Agosto. Nenhuma resposta da usina. A safra de 2022/2023 estava prestes a começar e eu não tinha nada, nenhuma informação. Foi quando em uma conversa distraída com minha avó ela contou sobre o engenho de seu avô, o Adelino Dias. Tudo que eu sabia sobre a história que o açúcar tinha na minha família começava a partir do meu bisavô. Mas aquela era uma nova informação, e que para ser sincera, foi engavetada por alguns meses.

Eu ainda queria levar para frente a ideia de relatar o cotidiano dos cortadores de cana que trabalham para a usina, e foi isso que me coloquei a buscar. Entrei em contato com um primo da minha mãe, João Paulo Dias, que eu sabia que trabalhava na usina, e depois de uma conversa, onde eu o mostrei a primeira crônica do livro, ele me disse que conhecia o rapaz que trabalhava no avião da usina, o Moacir Lucas. João Paulo me passou o contato de Moacir e logo enviei mensagens para ele explicando o trabalho, e solicitei uma entrevista, mas Moacir se apressou em dizer que não poderia fazer nada sem autorização da usina, e mais uma vez, eu estava “presa” e de volta à estaca zero.

Em agosto de 2022 a primeira queimada de cana aconteceu em um canavial perto da cana-de-açúcar onde agora eu estava dividindo moradia com Campina Grande, Paraíba. O canavial que foi queimado de forma criminosa fazia parte das terras do engenho de meu bisavô, o Engenho Barra. Na manhã seguinte à queimada, dezenas de homens e carros da usina apinhavam a estrada, o ciclo do açúcar estava acontecendo debaixo dos meus olhos, e tão perto, que decidi meter o nariz sem autorização da usina. Me muni da arma mais preciosa de um repórter, a coragem, e fui à campo recolher as informações que a usina estava me negando.

Conversei com alguns motoristas e alguns dos *cabos de palha*, os supervisores do campo na área de corte. De todos, obtive a mesma resposta: Você tem que entrar em contato com a usina e pedir autorização, não podemos falar sem autorização. Percebi então que naquela frase havia

medo. Todos eles, todos os trabalhadores tinham medo da usina. E eu, na posição de repórter prestes a escrever sobre como o trabalho daqueles homens está análogo a escravidão, representava não só o risco do trabalho deles, mas à vida. Ninguém se mete com os usineiros, foi essa a primeira lição que aprendi.

O campo da primeira queimada é uma área tão grande que o período de corte da cana e transporte durou mais de duas semanas. Observei então de longe os dias de corte e os dias em que as máquinas trabalhavam no campo abastecendo os caminhões com a planta cortada. No meu último dia em Ferreiros, antes de voltar para Campina Grande, compartilhei com João Paulo, minha frustração, e ele logo se prontificou a me colocar em contato com alguns colegas que já tinham trabalhado na usina, e me convidou para acompanhar o processo de moagem do engenho da família dele, que teria início em Outubro.

Eu tinha intenções de retornar para Ferreiros em setembro e passar mais uma semana, fazendo as entrevistas com ex-trabalhadores da usina com quem João Paulo tinha me colocado em contato; contudo, me encontrei desmotivada em dar continuidade a ideia inicial e decidi não viajar até Ferreiros para realizar as entrevistas. Permaneci em Campina Grande pesquisando sobre o assunto, quando me deparei com o livro *Meninos de Engenho* de José Lins do Rego, e um poema de João Cabral de Melo Neto me saltou a memória. Eu tinha decidido escrever sobre o ciclo do açúcar ao ler *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto, contudo, me ative muito mais ao trabalho da usina com a cana de açúcar, do que os males causados pela usina em regiões onde as pessoas vivem prioritariamente do ciclo do açúcar.

Retornei a minha leitura à *Morte e Vida Severina*, e percebi que para além do envolvimento da cana de açúcar com as usinas sucroalcooleiras, o ciclo do açúcar era mais do que eu estava me permitindo enxergar. Foi quando lembrei da conversa com minha avó sobre o engenho de meu tataravô, e decidi pela primeira vez abandonar todo meu conhecimento sobre as histórias de família e colocar em prática a máxima dita em sala de aula que afirma: “*O repórter precisa se desfazer de todos os seus preconceitos antes de fazer uma reportagem a encarar a história*”. Passei então a encarar a história do Engenho Barra e o ciclo do açúcar com um olhar estrangeiro, observador e reflexivo.

No final de setembro viajei animada para conversar com João Paulo. Ele já tinha me convidado a visitar o engenho que há tanto tempo, quando eu ainda era uma criança “abobada”, fez parte da minha infância. João Paulo tinha me passado o número de seu telefone, mas eu preferi falar pessoalmente com ele, uma vez que em nossos primeiros contatos eu tinha

explicado para ele uma dinâmica totalmente diferente da qual eu pretendia seguir naquele momento, e embora meu acesso ao engenho estivesse liberado, senti que deveria pedir permissão para informá-lo que gostaria de escrever sobre o engenho.

Minha primeira visita ao Engenho Barra foi para acompanhar o corte de cana. Houve muita timidez por parte das fontes, bem como aconteceu durante a primeira moagem. Os irmãos que ainda trabalham no engenho, Pedro, Thiago, Arthur, Júlio e Lili Dias, embora muito solícitos em cooperar com meu trabalho, estavam também travados pela timidez e vergonha. Conforme o tempo foi passando e minha presença se tornou parte da rotina deles, conseguimos construir uma relação mais tranquila e confortável para ambas as partes.

Em outubro visitei o engenho em duas ocasiões: Na primeira semana em que os meninos do engenho, Pedro, Thiago e Arthur Dias trabalharam no corte de cana, e duas semanas depois para a primeira moagem. Em novembro eu não consegui realizar nenhuma visita por causa da agenda apertada do final de semestre com a faculdade.

Em dezembro pude acompanhar o processo de forma integral, uma vez que em outubro eles precisaram de um espaço de duas semanas para dar início à moagem, visto que a cana-de-açúcar precisava maturar ao sol. Mas em dezembro esse ritmo já tinha se estabelecido. Depois da primeira moagem os irmãos realizam a atividade do corte de cana toda semana, isso para que não falte cana maturada durante a produção.

Com o recesso das aulas pude manter uma frequência na visita, e acompanhei os dois últimos meses de produção do mel de engenho. Durante o processo não estabeleci um roteiro para as entrevistas e elas aconteceram de uma forma mais dialogal e orgânica no local de trabalho das fontes; o campo de cana-de-açúcar e o engenho. Mesmo durante as entrevistas no Engenho Barra, entrei em contato com a usina novamente, que mais uma vez não me deu retorno.

Comecei a escrever as crônicas alguns meses depois do fim da safra de 2022/2023. Para tanto, fiz pesquisas para construir uma ordem cronológica dos acontecimentos que envolvem o ciclo do açúcar que acontece no Brasil há mais de 520 anos. Em setembro de 2023 entrei em contato mais uma vez com a usina Olho D'água solicitando, desta vez, uma visita ao local para conhecer o processo de fabricação do açúcar, e novamente não obtive respostas.

Continuei meu processo de escrita, agora sem mais nenhuma visita ao engenho. Todo contato com os irmãos do Engenho Barra em 2023 foi feito através de mensagens. Ainda no dia 2 de outubro de 2023 entrei em contato com o secretário de agricultura da cidade de Ferreiros, José Coelho de Lemos, no intuito de entrevistá-lo sobre os impactos da cultura da cana-de-

açúcar em Ferreiros, mas também não obtive resposta. O processo de escrita teve início em abril de 2022 com as duas primeiras crônicas, *Monomotor* e *Primeiro Fogo*. As demais foram escritas seis meses depois, no período entre setembro e outubro de 2023.

No total, foram três viagens de Campina Grande, Paraíba até Ferreiros, Pernambuco, totalizando um total de 300 reais, no período de agosto de 2022 a outubro de 2022. Já os equipamentos e aplicativos para redação das crônicas e diagramação do material são todos da autora. Os custos com viagem e alimentação foram todos quitados com recursos próprios.

### **3.1. Textos: escrita e edição**

Os textos escritos entre abril de 2022 e outubro de 2023, têm entre 8 mil a 9 mil caracteres. No pré-projeto os textos foram pensados para 10 mil caracteres, contudo algumas crônicas renderam mais do que as outras. Manter uma narrativa que não fosse nem muito curta, nem muito longa, foi proposital para que o leitor não se sentisse cansado e pudesse realizar uma leitura dinâmica.

As histórias trazidas nas crônicas se ligam umas às outras, o que também foi proposital. Pois tive o objetivo de dar ao leitor uma sensação de leitura contínua, onde ele pudesse perceber que estava lendo crônicas, mas também uma história que dura o tempo da safra do açúcar, e que a história contada na primeira crônica não acaba ao final dela, e logo em seguida ele se depara com a continuação, mas em uma crônica diferente. No estilo do texto foram utilizadas descrições cena a cena, para que a história não fosse contada somente por meio de um relato cronológico. As falas dos personagens estão envoltas em aspas. Para contextualizar alguns acontecimentos e situações, utilizei pesquisa histórica para ambientar a reportagem.

### **3.2. Fotografias**

Não houve planejamento prévio para as fotografias. Eu havia intenção de ilustrar as crônicas com imagens. As fotos foram feitas inicialmente para que eu pudesse me situar do acontecimento, ter detalhes de momentos que eu havia presenciado, e então assim poder descrevê-los de maneira mais precisa. Foi só quando fiz a visita aos meninos do Engenho Barra, no primeiro dia da moagem, que senti a necessidade de ter fotografias para ilustrar o que estava

prestes a escrever. Todas as fotos foram tiradas com a câmera do celular, um *iPhone 8 plus*, com exceção da fotografia que ilustra a capa, que foi produzida utilizando um *SAMSUNG a51*.

**Figura 1** - Caldeira do Engenho Barra em Funcionamento



Fonte: “autoria própria”.

**Figura 2** - Caminhão carregado de cana-de-açúcar



Fonte: “autoria própria”.

### 3.3. Finalização: diagramação para Kindle

O livro-reportagem foi pensado para o formato *ebook*, para tanto a diagramação foi feita pelo programa *Kindle Create*<sup>4</sup>. A fonte utilizada foi a *Bookerly* (serif). A capa foi realizada por meio de um *template* disponibilizado no *Canva*, chamado *Blue and Green Surreal Fiction Book Cover*, onde utilizei uma foto feita por mim para ilustrar.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Kindle-Create/b?ie=UTF8&node=18765776011>>.

**Figura 1** - Capa do ebook



Fonte: autoria própria

Na foto da capa utilizei o efeito *Desgaste*, também disponibilizado pelo programa. A fonte utilizada no título foi a *Cinzel Decorative* e *Cinzel*. Pois passam ao leitor uma sensação de leveza clássica. Levei um dia para finalizar a diagramação, que se iniciou na manhã do dia 17/10/2023 e foi finalizada na tarde do mesmo dia. Quatro testes foram realizados até chegar ao resultado final. Ao final de cada teste, enviei o arquivo em *epub* para meu aplicativo do *Kindle* no celular para conferir os erros. No total, o livro contém 78 páginas, incluindo os elementos pré textuais como título, direitos autorais, dedicatória e citação.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Durante minha apuração pude sentir na pele o quanto é difícil o trabalho de um jornalista independente. O valor desembolsado com as viagens de Campina Grande até Ferreiros foram para mim o menor impacto durante o processo. Lidar com as intempéries que vem junto com as relações humanas foi o mais complicado durante o trabalho de campo. Quando optei por trazer à tona a história do envolvimento da família Dias com o ciclo do açúcar, o roteiro a ser seguido foi: acompanhar o corte de cana em outubro, em seguida a produção do mel de outubro a janeiro, e em seguida o período de cultivo da entressafra.

Mas o que aconteceu foi um verdadeiro “vai e volta” no acompanhamento da produção do mel de engenho. Conciliar minha agenda em Campina Grande com a dos meninos do Engenho Barra foi um desafio. Eu precisava acompanhá-los no processo do corte da cana-de-açúcar além do primeiro dia de corte ao qual eu tinha presenciado, e todas as vezes em que eu fiz a visita no Engenho em novembro, eles estavam trabalhando na fabricação do mel.

Felizmente consegui terminar minhas atividades na universidade antes da última semana de novembro, o que me ajudou, porque consegui acompanhar o processo integral do funcionamento do engenho, desde o corte de cana, passando pela fabricação até o engarrafamento do mel. Pude acompanhar esse processo de forma integral por cerca de um mês e meio.

Nos primeiros meses em que mantive contato com os meninos do Engenho Barra, a timidez foi um ponto chave que dificultou o início das apurações, o que me deixou preocupada e receosa já que eu tinha optado por não seguir um roteiro das entrevistas. Contudo, quando passei a acompanhar as atividades do engenho com mais frequência, a timidez foi deixada de lado e deu lugar a um diálogo fluido e confortável para ambas as partes.

Não seguir um roteiro foi proposital, visto que *Avesso do Açúcar* foi inspirado em *Torna-se Palestina* de Lina Meruane, e *Holocausto Brasileiro* de Daniela Arbex, onde ambas constrem as crônicas-reportagens com o formato da entrevista mais dialogal e orgânica. Durante o período de entrevista busquei deixar os entrevistados o mais confortável possível e trazer um clima de conversa. Busquei também não realizar perguntas fechadas, para não correr o risco de direcionar a resposta dos entrevistados.

No processo de redação das crônicas me faltaram palavras para descrever certas situações, e questionei diversas vezes se estava no caminho certo. Temi pecar no excesso da narrativa humanizada. Temi, durante o processo, tornar meus personagens caricaturas de suas vidas, e

com isso ferir a história deles. Mas como poderia eu retratar o ciclo do açúcar de forma humanizada despindo-me de minha própria humanidade? Percebi então ao ouvir a música *Yun* do cantor coreano RM, onde ele canta sobre como o artista também coreano *Yun Hyong Keun*, priorizava a humanidade antes da arte, e em como isso influenciou a música dele.

Na música, ele diz "*Eu quero ser humano antes de fazer alguma arte*". Para *Yun Hyong*, a humanidade vinha antes de suas pinturas, para RM, a humanidade vem antes de sua música, e para mim, como escritora, a humanidade vem antes da escrita. Notei então que meu receio não tinha fundamento, e que no que eu estava fazendo, não poderia jamais temer ser humana demais em minha narrativa, afinal, como Cremilda Medina (2002) argumenta: "*uma definição simples é aquela que entende a narrativa como uma das respostas humanas diante do caos.*"

Me coloquei então a tomar o caminho da escrita como MEDINA (2002) propôs a narrativa, como ADORNO (1992, p. 195) propôs a arte, e como RM (2022) e YUN (1928), propuseram a humanidade dentro de suas respectivas artes, segui os passos de meus mentores, me agarrei na inspiração da narrativa humanizada de Lina Meruane e Daniela Arbex e enfim pude perceber meu texto fluindo.

O livro reportagem *Avesso do Açúcar* foi pensado não somente apenas para o trabalho de conclusão de curso. Como o mesmo foi construído propositalmente no formato *ebook*, entendendo-se e partindo do ponto que o consumo de livros no Brasil é muito caro, e por vezes inacessível à população, e quando se trata de assuntos específicos tendem a ser além de caros, de difícil acesso. Pensando nisso, este trabalho traz para além de uma pesquisa para a conclusão do curso de jornalismo, a possibilidade da publicação do material através do *kindle*, e de forma gratuita; uma vez que o formato *ebook* permite ao autor uma publicação independente através do programa *KDP (Kindle Direct Publishing)*<sup>5</sup> fornecido pela Amazon.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <[https://kdp.amazon.com/pt\\_BR/help/topic/GHKDSCW2KQ3K4UU4](https://kdp.amazon.com/pt_BR/help/topic/GHKDSCW2KQ3K4UU4)>.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. A arte é alegre? In: OLIVEIRA, Newton Ramos de; ZUIN, Antônio Álvaro Soares; PUCCI, Bruno (orgs.). **Teoria Crítica, Estética e Educação**. Campinas: Autores Associados; São Paulo: Editora Unimep, 2001.
- ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2019.
- BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Becca. 1999
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Editora Record. 2001.
- Estrutura da notícia**. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 2000
- LEANDRO, Paulo Roberto. Prefácio. In: MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Editora Summus. 2003.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas: Editora da Unicamp. 1993
- GUARACIABA, Andréa. Crônica. In: MELO, José. Marques de. (Org.) **Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo**. São Paulo: FTD, 1996.
- MELO, José Marques de. **Jornalismo Brasileiro**. Porto Alegre: Editora Sulina. 2003
- MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Editora Summus. 2003.
- MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida Severina e outros poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva 2007.
- MERUANE, Lina. **Tornar-se Palestina**. Belo Horizonte: Editora Relicário, 2019.
- MUNIZ SODRÉ; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.
- SERVAES, Jan. Comunicación para el desarrollo: Tres paradigmas, dos modelos. In: **Temas y Problemas de Comunicación**. Río Cuarto. V. 10, p. 05-27, set. 2000.
- VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo, comunicação, literatura e compromisso social**. São Paulo: Editora Paulus, 2005

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografia e biógrafos:** jornalismo sobre personagens. São Paulo: Editora Summus. 2002.

## ANEXOS



Vista ao Engenho Barra Outubro de 2022



Chaminé do Engenho Barra



Júlio Dias manejando o mel de engenho



Canavial colhido, setembro de 2022

